

PRÁTICAS CORPORAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: MENINAS E MENINOS JUNTOS OU SEPARADOS?¹

Liane Aparecida Roveran Uchoga²
lianeuchoga@gmail.com

Dra. Helena Altmann³

RESUMO: Até o fim da década de 1980 e início dos anos 1990 as aulas de Educação Física eram predominantemente separadas por sexo, com conteúdos diferentes para meninos e meninas. Atualmente as aulas são, em sua maior parte, mistas como também há um debate acadêmico favorável a esta prática. Mas estariam meninas e meninos tendo as mesmas oportunidades nas aulas só por estarem juntos? Este trabalho apresenta discussões sobre relações de gênero e co-educação nos diferentes conteúdos da Educação Física do Currículo do Estado de São Paulo a partir de dados obtidos em uma pesquisa etnográfica em duas escolas públicas. As análises parciais indicam que, embora a área apresente avanços ao ministrar os mesmos conteúdos para meninos e meninas, tal iniciativa por si só não garante a co-educação, permitindo que se reproduzam relações de gênero desiguais durante as aprendizagens dos diferentes conteúdos.

PALAVRAS CHAVES: Gênero; Educação Física escolar; Co-educação;

¹ Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP.

² Mestranda em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, bolsista Fapesp (Fundação de Amparo a pesquisa do Estado de São Paulo), participante do grupo “Corpo e Educação”;

³ Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e coordenadora do grupo de pesquisa “Corpo e Educação”.

Meninos e meninas juntos com os mesmos conteúdos: Igualdade ou reforço de construções de gênero e sexualidade?

O histórico da Educação Física escolar no Brasil aponta para dois momentos: o primeiro, cuja aula era separada por sexo, nas quais justificativas biológicas determinavam os tipos de atividades e conteúdos adequados a cada um deles e um segundo momento, que vivemos até hoje, com aulas mistas.

Pautado em concepções biológicas de corpo, esportes e lutas, com maior contato físico e/ou que exigiam mais força e velocidade, não eram recomendados às mulheres em virtude de sua natureza mais frágil em comparação ao homem (GOELLNER, 2003).

O histórico da Educação Física escolar, apontado por alguns autores (CASTELLANI, 1982; GOELLNER, 2003; ROSEMBERG, 1995), demonstra uma menor participação de mulheres em atividades que envolviam movimento ou que, de alguma forma exponham o corpo. Por muito tempo, tal participação era vedada por decretos e leis que, restringiam a participação feminina em algumas modalidades esportivas, ou ainda direcionava atividades “mais leves” as mesmas.

Até o final da década 1980 e primeiros anos da década de 1990, as aulas de EF continuaram separadas por sexo, mesmo após a escola ter tornado-se mista, vale destacar que a formação do profissional de EF também se dava desta maneira. O “clima favorável” as aulas mistas que se desenvolveu ao longo dos anos 1990, como veremos a seguir, a priori tinham mais razões de corte de gastos públicos do que uma preocupação efetiva de uma EF igualitária para meninas e meninos.

A título de exemplo, Helena Altmann (1998) coloca que, nas escolas de Belo Horizonte, uma portaria no ano de 1991 da Secretaria Municipal de Educação determinou o fim da separação de meninos e meninas nas aulas. Mesmo com tal portaria, até 1994, as disciplinas práticas do curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais (que na época era a única que formava professores de Educação Física na cidade de Belo Horizonte) eram separadas por sexo. Os professores passaram a ser obrigados a trabalhar com turmas mistas tendo eles mesmo tido uma formação profissional separada por sexo.

Apesar de no início dos anos 1990 novas concepções de corpo e EF baseada nas Ciências humanas adentrarem no debate da área, as quais com certeza contribuíram para um clima favorável às aulas mistas, o fato que devemos nos atentar é que estados e municípios decretavam o fim de aulas separadas por sexo mais por questões financeiras, afinal cada turma de 40 estudantes tinham um professor e uma professora de EF para meninos e meninas respectivamente, do que atenção aos debates acadêmicos produzidos.

Uma vez que tais decretos eram impostos aos professores/as, como no exemplo acima mencionado, desconsiderava-se o fato que eles tinham se formado dentro da lógica da separação, o que causava (e talvez ainda cause em alguns contextos) mecanismos burla como, por exemplo, divisão do tempo de aula entre meninos e meninas.

No entanto, que encontramos de meados da década de 1990, até os dias atuais, é um consenso de discurso favorável as aulas mistas, ou seja, meninos e meninas juntos realizando as mesmas atividades ao mesmo tempo.

O currículo de EF do Estado de São Paulo, contexto das aulas observadas nesta pesquisa⁴, é um exemplo de não delimitação de conteúdos por gênero. Nele os conteúdos da chamada cultura corporal⁵ estão dispostos ao longo das séries do Ensino Fundamental II e Ensino Médio sobre grandes eixos: esporte, jogos, ginástica, luta e atividade rítmica. No currículo também há orientações para que as aulas sejam mistas, independente do conteúdo ministrado.

Estudo realizado por Mário Louzada et. al. (2007), encontraram 10 dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas entre 1990 e 2005, que abordam o tema das aulas mistas de educação física (ROMERO, 1990, ABREU, 1990, SARAIVA-KUNZ, 1993, SOUSA, 1994, OLIVEIRA, 1996, FERREIRA, 1996, ALTMANN, 1998, VERBENA, 2001, DUARTE, 2003 e PEREIRA, 2004). Todas estas produções defendem a aula mista, apenas Altmann (1998) e Louzada et al. (2007) colocam que a união de meninos e meninas nas aulas podem variar de acordo com as circunstâncias e atividades realizadas, não precisando haver uma forma rígida de aulas mistas ou separadas por sexo.

⁴ Realizada com financiamento da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) para obtenção de título de Mestre em Educação Física;

⁵ Esta delimitação de conteúdos foi originalmente feita por um Coletivo de Autores (1992) através do livro Metodologia do ensino de Educação Física;

No campo de pesquisa, quando realizei entrevistas com o professor e as professoras das turmas observadas, ao serem indagadas sobre a divisão (ou não) de meninos e meninas nas aulas, as respostas também foram favoráveis ao discurso acadêmico de aulas mistas, mesmo que na prática as atividades não tivessem sido cem por cento mistas:

(Pesquisadora) Gostaria que você falasse um pouco como você pensa a organização da turma quando você vai trabalhar os conteúdos

(professora Júlia) É... (pausa) por número você diz?

(pesquisadora) Não por número, por gênero, o que você acha que dá para trabalhar junto, o que tem que ser separado?

(professora Júlia) Ah, acho que a maior parte dos conteúdos, independente da proposta, dá para trabalhar junto, sem problema, o que é ruim é muito aluno, mais diferenciar homem, mulher, não! Dá pra trabalhar os conteúdos igual, claro que, geralmente os meninos tem mais domínio do que as meninas, até porque, os tipos de conteúdo, também são, são muito mais do repertório deles, vamos dizer assim, do que delas, também não saberia dizer se tem algum repertório de menina hoje, mesmo que você fale da dança, mesmo assim elas tem muita dificuldade, para organizarem um coreografia, por exemplo...quanto a esporte a maioria deles tem bastante facilidade. Então, eu acho que tudo dá para trabalhar como dois, qualquer conteúdo, o problema é a quantidade grande de aluno não a diferença de sexo. **(trecho da entrevista realizada 21/06/2010)**

A resposta da professora Laura também foi bem próxima do que Júlia relata na entrevista:

(professora Laura): Eu acho que todas as atividades dão para fazer juntos, menino e menina, é...mesmo aquelas que exigem mais, mais...calma, calma? Que as meninas são mais tranquilas assim, algumas né! E os meninos querem fazer mais rápido, mais agitado, mesmo assim eu acho que dá para fazer junto. É claro que tu vê a diferença, mas dá para fazer todos juntos. **(trecho da entrevista realizada 27/06/2010)**

Já Gustavo, apesar de expressar sua preferência de pensar aulas com meninos e meninas juntos, relata algumas dificuldades que impossibilita que eles e elas fiquem juntos o tempo todo:

(professor Gustavo) Tem turma que consegue trabalhar bem junto, então aí eu penso nas atividades com todo mundo junto, normalmente eu prefiro fazer todo mundo junto porque eu acho legal pra eles, né!, Principalmente nessa idade (ele se referia 11 e 12 anos) porque futuramente as meninas são empurradas para não fazerem essas coisas, então, mas se eu percebo que na turma os meninos vão ter muita resistência, aí eu prefiro deixar as meninas separadas fazendo as atividades delas, se eu percebo que elas já tão mais integradas com eles, tem um pouco mais de afinidade com a atividade aí eu deixo eles trabalharem juntos, tanto faz o conteúdo... mas é óbvio que nos jogos os meninos querem jogar, querem ganhar... A gente viu na aula agora pouco, os meninos querem chutar o tempo todo, né? E as meninas acabam ficando meio de lado tal, aí eu tento estimular elas, eu falo com os meninos pra não deixar que eles coloquem elas de lado, pra estimular elas a participarem um pouco mais... **(trecho da entrevista realizada 16/06/2010)**

Fato que deve ser destacado aqui neste texto é que, estas professoras e professor tiveram sua formação nos anos 2000 (2004, 2005 e 2007 respectivamente), período este de debate favorável as aulas mistas, como apontado na pesquisa Louzada et. al. (2007).

No entanto, apesar do discurso das aulas mistas, na prática, observei alguns momentos que meninos e meninas foram separados, justamente referente ao conteúdo de futebol e futsal, em entrevistas eles comentaram sobre a “exceção”:

(pesquisadora) Mas, por exemplo, na aula de futsal da 7ª série, no momento do jogo propriamente dito você separou meninos e meninas

(professora Julia) Ah sim! Aí sim, até porque eu separo na hora do contato físico, que eu tenho mais medo delas se machucarem, mas também aquela menina que se destaca eu deixo participar, sem problema, mas no jogo propriamente dito eu costumo separar...

Quanto à professora Laura, quando indaguei sobre o futebol, já que a aula observada por mim havia sido separada, justificou que dá para fazer juntos, mas no

caso das meninas mais habilidosas, apesar de não ter explicitado, percebemos nas entrelinhas de sua fala:

(pesquisadora) Mesmo sendo uma modalidade coletiva? Por exemplo, o futebol.

(professora Laura) Mesmo sendo coletiva, acho que a Dara (refere-se a uma menina da turma a qual eu observava), ah não, foi na outra sala. Eu coloquei uma menina, umas meninas para jogar junto com os meninos, por que tinha pouca menina, deu um time e sobraram umas quatro meninas, aí eu coloquei elas para jogar com os meninos, elas sofreram um pouco mais, porque os meninos correm e, por terem mais experiência, o jogo deles fica mais rápido, aí eu perguntei para elas: Vocês sentiram muita diferença em jogar com os meninos? Elas disseram: Nossa! É muito diferente, bem mais rápido, eles passam menos a bola, mais é a competitividade não tem porque fazer separado

Nota-se que apesar do relato de que as quatro meninas jogaram com os meninos, o fato é que ela tinha formado um time só de meninas, porém houve uma necessidade de separá-los, assim como a necessidade relatada por Júlia, que os meninos eram estúpidos e ela tinha medo de que as meninas se machucassem. Já na 6ª série que eu observava a modalidade de basquetebol foi realizada conjuntamente, a justificativa de Júlia é que, nem todos os meninos eram “estúpidos” e quando ela percebia isso, deixava-os jogar conjuntamente.

O mesmo acontecia quando uma menina mais habilidosa de bola queria jogar com os meninos “...*Tem menina que é mais habilidosa, se jogar com menina fica chato pra elas, tem uma 6ª série da tarde que tem duas meninas que elas sempre jogam com os meninos*”(entrevista com a professora Júlia).

O que percebemos aqui é que, embora haja uma tendência politicamente correta da não-separação, na prática, outras necessidades fazem em com que seja preciso separar meninos e meninas.

No caso da pesquisa, foi a habilidade corporal, que só pode ser adquirido com vivências, as quais são influenciadas pelas construções de gênero, que fez com que em alguns momentos meninos e meninas fossem separados. Neste caso, o conteúdo que destacou tal fato foi justamente o futsal/ futebol, que em nossa cultura é estimulado desde cedo e atrelado ao gênero masculino.

Porém, separar meninos e meninas para a aprendizagem de alguns conteúdos que, a priori, são genericados, como é o caso do futsal, também pode produzir efeitos de exclusão, como é o caso daqueles meninos que não se julgam “bom de bola”

Na 5ª série da escola Hortência, onde um tipo de masculinidade hegemônica, na qual os meninos deveriam ser bons de briga, não chorar e saber jogar futebol, era valorizada, Wesley, um garoto entre tantos outros que poderiam existir naquela escola, não partilhava de atitudes de ofensas verbais, não se envolvia em brigas, conversava maioria das vezes com as meninas, mas também pouco participava das aulas de EF.

Sempre que o professor iniciava uma atividade, Wesley ficava de fora apenas observando, como faziam algumas meninas. Algumas vezes, ele decidia entrar e participar, mas outras não.

Com o passar do tempo comecei a perceber que ele sempre participava quando a atividade era mista ou de livre escolha⁶, momentos estes que ele tinha a possibilidade de agrupar-se com as meninas. Assim, quando o professor dividia meninos e meninas para a aprendizagem de algum movimento ou para execução de um jogo, como aconteceu no conteúdo futsal, Wesley logo se afastava.

Esta situação não quer dizer que o garoto de fato não queria participar de atividades com os outros meninos, mas que ele, ao “fugir” do que se esperava de um menino naquela escola (saber enfrentar, não ter medo e ser habilidoso) não era aceito no grupo. Volto aqui ao episódio das aulas de futsal.

Em uma das aulas, o professor organizou equipes para jogarem entre si, primeiro separou meninos e meninas (meia quadra para cada um) e em seguida dividiu os times. Apesar de Wesley ter ficado dentro da quadra para o professor escolhê-lo, o que sinalizava que ele queria jogar, no momento do jogo sua presença passou despercebida:

No jogo dos meninos, Wesley ficou em campo, porém não participou de nenhuma das jogadas, sua presença nem mesmo foi percebida pelos outros colegas que não passavam a bola, ele, por sua vez, também não arriscou entrar nas divididas e duras disputas de bola. Depois de um tempo, ele sai da

⁶ Estes momentos ocorriam no final de algumas aulas, quando sobravam 10 ou 15 minutos, mas algumas vezes o professor utilizava como estratégia para que os alunos/as participassem das aulas, prometendo que a última aula do mês seria com atividades de livre escolha, presenciei algumas destas aulas.

metade da quadra pertencente ao jogo dos meninos e vai para o lado das meninas, não há reclamações por parte delas, mas ao vê-lo o prof. pede que vá jogar com os meninos. Ele sai e não volta mais ao jogo. (DC: 09/06/2010)

Neste mesmo dia, na segunda aula, o professor realizou jogos dos meninos e das meninas, utilizando toda a quadra. Alguns meninos reclamaram que a quadra deveria ser apenas deles pelo fato das meninas não saberem jogar, mas ficaram quietos frente ao argumento do professor que aquele era um espaço para todos aprenderem. Wesley mais uma vez tentou compor um dos times, mas ao permanecer em campo e não receber a bola, logo desistiu. Nos outros dias em que houve jogo, Wesley não participou da aula.

Porém, em uma aula de atividade de livre escolha, Wesley jogou futebol com um grupo de meninas e mais um menino que organizaram um jogo em um espaço do pátio. Em entrevista, quando perguntei a ele o que fazia fora da escola, ele me disse, entre outras coisas, que jogava futebol com o pai, indaguei perguntando se ele gostava de jogar futebol na escola, ele respondeu que não “*os menino falam que eu jogo mal*”, indaguei sobre a aula livre na qual ele jogou “*é mais aí é diferente né!, porque eles não estavam lá*” (trechos da entrevista: 20/10/2010).

Na escola Sônia, Cleber também conversava mais com as meninas nas aulas, nesta escola foram poucos os momentos que a turma foi separada por sexo, o único momento em que houve separação foi no jogo de futsal. Neste dia, Cleber que era bastante participativo, não participou da aula. Em entrevista quando perguntei sobre sua participação nas aulas ele falou sobre o futebol:

(Pesquisadora) Você participa de todas as aulas de EF?

(Cleber) Eu participei de todas as aulas, mas nas duas aulas de futebol eu não participei

(Pesquisadora) Por quê? Você lembra?

(Cleber) Porque eu sou ruim...

(Pesquisadora) Mas você não gosta, ou acha se acha ruim?

(Cleber) Gostar, eu gosto, mas eu sou meio ruim

(Pesquisadora) Mas os outros meninos reclamam?

(Cleber) Não, mas eu não quis mesmo, fiquei com vergonha, se eu errasse alguma coisa, eles poderiam reclamar

(trecho entrevista: 25/10/2010)

Nestes trechos, tanto no caso de Wesley quanto de Cleber, o futebol foi o principal revelador da não identificação deles com o que se espera de um menino. Eliene Lopes Faria (2009), em sua pesquisa que buscou entender as práticas futebolísticas dentro e fora da escola, coloca que, o futebol (seja ele como brincadeira, lazer ou de treino) é um espaço onde se constitui habilidades e também identidades, sendo estas construídas sempre em oposição ao feminino.

Assim, na pesquisa, a falta de uma habilidade futebolística satisfatória destes meninos, como de muitos outros, poderia pôr em risco mais do que sua imagem de “não habilidoso” com a bola, mas também sua própria masculinidade, como conclui Faria (2009, p.17) “o futebol é um espaço de masculinidade hegemônica, que envolve mais do que técnicas”. Embora Cleber, assim como Wesley, afirmou jogar futebol fora da escola “*na rua, eu, minha prima, mais uns amigos brincamos de futebol*”, ali no espaço escolar o risco de expor-se diante seus pares, no caso de Cleber, ou exclusão dos pares devido a uma inabilidade exposta impediram-nos de vivenciar este conteúdo na aula de EF.

O inverso aconteceu no caso das meninas. Roberta e Talita, duas garotas da mesma série de Wesley, ao contrário do que se esperava das meninas, eram bastante ativas nas lições da EF e adoravam jogar futebol.

Por envolverem-se mais do que as outras meninas, Roberta e Talita eram também mais habilidosa em quaisquer atividades proposta. As duas estavam sempre juntas e nem uma delas participava do grupo das outras meninas (as que conversavam e/ou não participavam da aula).

Em entrevista, Roberta e Talita disseram que sempre brincavam na rua de diversas atividades, mas gostavam mais de jogar futebol “*eu ando de patins, pulo corda e jogo muito futebol mesmo, todo dia eu jogo com uns molequinhos bom mesmo, mas eles são pequenos tem oito e nove anos, mas um outro amigo meu tem 12 também*” (Trecho da entrevista 20/10/2010)

A habilidade delas em aula permitia que participassem das atividades bem como disputassem espaço juntamente com os meninos. Em um dia de atividade de livre escolha, os meninos logo ocuparam o campo de areia para jogar futebol, Roberta e Tais estavam entre eles, foram formadas três equipes, sendo que Roberta escolheu uma delas. Porém, um dos meninos decidiu que o time de Roberta não começaria jogando, ficando de próximo para jogar com uma das equipes vencedoras, tal decisão não foi feita

mediante nenhum sorteio (como é feito de costume), o que fez com que imediatamente Roberta pegasse a bola (não permitindo que o jogo começasse) e fosse até o professor reclamar sobre a injustiça:

O problema se inicia quando um dos meninos decide que o time de Roberta fique de próximo. Inconformada, ela se dirige novamente ao professor que intervém pedindo que tirem “dois ou um”. Feito desta forma, o time de Roberta por sorteio é o primeiro a jogar. Enquanto isso, as outras meninas estão no campo de areia ao lado jogando vôlei. (DC: 25/08/2010).

Importante destacar que, apesar destes momentos em que Roberta e Talita precisavam recorrer ao professor para obterem igualdade na participação, após a intervenção do professor não mais aconteceram problemas, elas jogaram várias vezes com os meninos e em nenhum momento presenciei alguma ofensa por parte deles, pelo fato delas jogarem e serem boas no futebol.

Assim também aconteceu com Juliana na escola Sônia, adepta do futebol e bastante habilidosa ela transitava livremente entre os jogos dos meninos e também participava de todas as aulas. No conteúdo de ginástica, Juliana era uma das poucas meninas que se arriscava nos movimentos considerados mais difíceis e, assim como os meninos, ela caiu diversas vezes, sujou a roupa durante as tentativas e, não teve êxito em algumas aprendizagens, porém este fato não a afastou das aulas nem tampouco da possibilidade de tentar executar os movimentos.

Em uma aula de capoeira, no final, quando a professora fez uma roda para que a turma pudesse jogar, Juliana foi a única menina a entrar na roda e jogar com diversos meninos e com a professora. Embora ela soubesse pouquíssimos movimentos, assim como todos da turma, já que só haviam tido duas aulas deste conteúdo, os meninos e ela entraram na roda diversas vezes, diferentemente das meninas que se restringiram apenas em observar.

Neste caso, estas meninas tinham mais habilidades corporais devido a diversos fatores, muitos não analisados nesta pesquisa, mas todas declararam brincar na rua de diversas atividades e jogar futebol com outros garotos, ou seja, elas tiveram a oportunidade de ter vivências corporais diferenciadas, fator importante para que rompessem com o que se esperava delas e ganhassem legitimidade para transitar entre as

práticas corporais dentro da escola, bem como se sentissem seguras para as novas aprendizagens do corpo nas aulas de EF.

Já no caso dos meninos, a maior dificuldade foi o futebol, onde podemos perceber que o que estava em jogo era mais do que a própria habilidade e sim a sua sexualidade, já que em nossa cultura, ser ruim de bola significa não partilhar de uma masculinidade hegemônica (FARIA, 2009). Neste caso gênero e sexualidade estavam imbricados não permitindo que estes meninos participassem do jogo mais pelo fato da masculinidade posta em riso, do que da própria habilidade corporal, já que eles afirmaram jogar futebol em outros momentos e contextos.

Talvez por este descompasso entre os discursos de aula mista e a prática concreta que, apresenta diversos contratos e dificuldades, seja devido a uma não co-educação dentro da aula de EF.

Se muito avançamos, quando não mais delimitamos conteúdos de meninas e de meninos, salvo em alguns casos, principalmente no ensino infantil quando ainda encontramos o oferecimento de balé para meninas e judô para os meninos, não encontramos nesta pesquisa nem por parte currículo de EF, nem das professoras e professor, bem como dos alunos/as esse tipo de colocação. Ainda permanece na área que, meninos e meninas juntos, realizando as mesmas atividades por si só é sinônimo de co-educação.

Um dos primeiros trabalhos na área da EF que vai dissertar sobre o conceito de co-educação é a tese de Maria do Carmo Saraiva-Kunz (1993). Nela a autora expõe que a prática conjunta é uma das tarefas mais difíceis da EF, uma vez que, ao longo de sua construção histórica ela destaca bem como cria diferenças e estereótipos entre os sexos. Porém a autora afirma que, sendo de ordem cultural, estas diferenciações podem ser superadas. Suas colocações vão mais no sentido de permitir que meninos pratiquem dança, assim como meninas pratiquem futebol, ou seja, que os conteúdos não sejam delimitados pelo sexo, e que estes sejam ministrados de maneira mista, do que um trabalho de reflexão sobre as construções de gênero.

Daniela Auad (2004) em sua tese intitulada “Relações de gênero na escola: da escola mista ao ideal de co-educação” vai dissertar sobre este tema, mostrando que embora a escola como um todo tenha tornado-se mista, ela ainda não é um ambiente co-educativo. Por este motivo, observamos tantas desigualdade de expectativas,

desempenho, crenças, reforço de comportamentos, filas em vários momentos da rotina escolar.

Auad (2006) afirma que a “mistura de meninos e meninas no ambiente escolar é insuficiente para o término das desigualdades de gênero...” (p.55). Ao contrário disso, meninos e meninas apenas juntos, sem maiores reflexões pedagógicas podem redundar em processos de desigualdades e confirmação destas. Por este motivo que, encontramos na escola mista, várias situações de desigualdades relatadas em pesquisas que as olham pelos estudos de gênero.

Porém, embora a autora enfatize que aula mista não é sinônimo de co-educação, ela destaca que esta (escola mista) é um meio para que haja co-educação, sem ela não seria possível questionar/ desconstruir as relações de gênero estabelecidas, ou seja, separados meninas e meninos nem teriam a possibilidade de co-educação. Em síntese Auad (2003) conclui que:

A ‘mistura’ de meninas e meninos no ambiente escolar não equivaleria, desta forma, ao ideal de co-educação. Para que este fosse levado a termo, a escola mista teria de ser pensada, questionada e analisada a partir das relações de gênero e das relações entre os sexos que estão em jogo cotidianamente. Sendo assim, **conclui-se que pode revelar-se estéril a coexistência entre os sexos se não houver uma reflexão pedagógica a esse respeito.** Essa coexistência não será sinônimo de término de desigualdades se não for considerado o contexto social de separação em vigor, e ainda largamente dominante, no tocante aos gêneros masculino e feminino. (AUAD, 2003, p.04, grifo nosso)

Na conclusão da autora destaca-se que a coexistência entre meninos e meninas é estéril sem uma reflexão pedagógica. Ao levarmos estas reflexões para o aqui expostos, vimos que construções de gênero que põem em dúvida a masculinidade dos meninos menos habilidosos, quanto aquelas que já determinam que meninas possuam menos habilidades corporais interferem na aprendizagem de meninos e meninas nas aulas de EF, apenas colocá-los juntos, sem nenhum trabalho específico de co-educação não garante a igualdade de participação e envolvimento nas práticas corporais.

Considerações a partir do exposto

Pensar em relações desiguais de gênero só foi (e continua sendo) possível a partir do contexto de aulas mistas. Antes disso, estes conflitos não existiam, dando a falsa sensação de que as aulas separadas por sexo eram mais “harmoniosas”. Porém, devemos pensar que é no conflito que se dão reflexões e mudanças, logo, talvez os conflitos de gênero não devam ser vistos como um problema, mas como uma possibilidade de intervenção. Antes das aulas mistas, não era possível questionar sobre as desigualdades nas atividades para assim, poder intervir. As estruturas estavam lá, inabaladas.

No entanto, se não houver conhecimento sobre estas desigualdades e, propostas de intervenção a partir delas, elas continuarão a existir, dando-nos a falsa sensação de superá-las apenas ministrando os mesmos conteúdos para meninos e meninas.

No caso do currículo de EF do estado de São Paulo uma observação por parte do docente, bem como proposta de diálogos só é proposta no trato do eixo de conteúdo de manifestações rítmicas. Porém, como já foi relatado, as relações de gênero acontecem em todas as práticas corporais, numas mais do que outras. As observações apontaram que acesso aos mesmos conteúdos sendo estes, tanto considerados socialmente masculinos ou femininos, não garantiram co-educação, pois, os modos de participação foram e envolvimento foram diferentes e por vezes desiguais.

Isso não significa dizer que meninos e meninas devam estar juntos o tempo todo, separar as meninas é justificável, como relata Altmann (1998) desde que esta se constitua numa estratégia pedagógica para aprendizagem e não como uma maneira de eliminar possíveis conflitos de gênero durante a prática.

Referências bibliográficas

ABREU, Neíse Gaudêncio. **Meninos pra cá, meninas pra lá**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1990.

AUAD, Daniela . **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Relações de Gênero nas Práticas Escolares e a Construção de um Projeto de Co-Educação**. In: Reunião Anual da ANPEd, Associação Nacional de



Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2004, Caxambu. Anais da 27ª da Reunião Anual da ANPEd., 2003.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1994.

CRUZ, Marlon M. S; PALMEIRA, Fernanda C. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz, Rio Claro, v.15, n.1 p.116-131, jan/mar 2009.

DEVIDE, Fabiano P. **O discurso dos discentes concluintes do Ensino Médio sobre os saberes construídos na educação física escolar: uma análise a partir da teoria de gênero**. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 12, 2008, Niterói. Anais...Niterói: DEF/UFF, 2008. Disponível em: <www.boletimef.org/biblioteca>. Acesso em: 10 maio 2009.

DUARTE, C. P. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física**. Rio de Janeiro: UGF, 2003 (Dissertação – Mestrado em Educação Física).

FARIA, Eliene Lopes. **Jogo de corpo, corpo do jogo: futebol e masculinidades**. Cadernos de Campo, São Paulo, n.18, p. 65-86, 2009.

FERREIRA, José Luiz. **As relações de gênero nas aulas de Educação Física, um estudo de caso em uma escola pública de Campina Grande - PB**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1996. 182 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira. L.NECKEL, J. F.; GOELLNER, Silvana. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

KUNZ, Elenor. **Educação Física/Esporto e a questão do gênero (editorial)**. Revista brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.15, n.3, Jun.1994

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2003. 6ª edição

LOUZADA, Mauro, VOTRE, Sebastião e DEVIDE, Fabiano. **Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de educação física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 28, n. 2, p. 55-68, jan. 2007.

OLIVEIRA, Greice Kelly de. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais**. Campinas: UNICAMP, 1996. 161 p. (Dissertação, Mestrado em Educação Física)

PEREIRA, S. A. **O sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras**. Rio de Janeiro: UGF, 2004. (Tese – Doutorado em Educação Física).



ROMERO, Elaine. **Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1990. 325 p. (Tese, Doutorado em Psicologia).

ROSEMBERG, Flúvia. **A educação física, os esportes e as mulheres: balanço na bibliografia brasileira**. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

SARAIVA-KUNZ, Maria do Carmo. **Quando a diferença é mito: uma análise da socialização específica para os sexos sob o ponto de vista do esporte e da Educação Física**. Florianópolis: UFSC, 1993. 167 p. (Dissertação, Mestrado em Educação).

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Proposta curricular do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2008. Disponível em: < www.rededosaber.sp.gov.br >. Acesso em: 18 Junho 2009.

SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física**. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008. Disponível em: < www.rededosaber.sp.gov.br >. Acesso em: 18 Junho 2009

SOARES, Carmem L. **Educação Física escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Campinas: UNICAMP, 1994. (Tese, Doutorado em Educação).

VERBENA, E. c. g. **Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco, 2001. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).